

O POVO DE AVEIRO

FOLHA DO POVO E PARA O POVO

PREÇO DAS ASSIGNATURAS

EM AVEIRO—ANNO 50 (NUMEROS) 13000 RS., SEMESTRE (25 NUMEROS) 500 RS.
FORA D'AVEIRO—ANNO (50 NUMEROS) 13125 RS., SEMESTRE (25 NUMEROS 570) RS.
BRAZIL, (MOEDA FORTE) E AFRICA ORIENTAL.. 23000 RS.

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS

AS ASSIGNATURAS DEVEM SER PAGAS ADIANTADAS

PREÇO DAS PUBLICAÇÕES

NA SECÇÃO DOS ANUNCIOS—CADA LINHA 15 RS.
NO CORPO DO JORNAL—CADA LINHA 20 RS.
NUMERO AVULSO 20 RS., OU 100 RS. NO BRAZIL.
REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO — RUA DA ALFANDEGA NUMERO 7.

AVEIRO

FINALISANDO

Servir os interesses democraticos é uma cousa; servir os interesses de meia duzia d'especuladores é outra muitissimo differente. E em Portugal quem não tem a coragem de apelar os chamados dirigentes republicanos não faz senão servir os interesses monarchicos com grave prejuizo da democracia.

Em Portugal, os que se dizem directores espirituaes do movimento republicano são cem vezes mais especuladores, e especuladores mais criminosos, de que os chefes monarchicos. Por que os chefes monarchicos se prejudicam o paiz não prejudicam uma ideia; se são nefastos aos interesses da nação, são pelo menos coherentes e sinceros. Sendo o regimen monarchico um regimen de privilegio e de pilhagem, elles, monarchicos, espoliam, pilham e opprimem os seus concidadãos. Tem a coragem d'essa conducta e d'esses processos politicos. Enquanto que os republicanos, sendo os mesmos tratantes, são-o em nome de um principio de justiça, abusando de ideias generosissimas, deturpando as melhores intenções, envenenando tudo quanto de grande e sublime tem surgido n'esta terra.

Falam-nos de pessoas. Pois as pessoas é que são a desgraça d'esta terra. A prova de que o partido republicano nunca comprehendeu a sua missão, nem é digno das garantias que requer, é que nunca fez politica de principios para fazer a toda a hora politica de pessoas. Quem faz politica de pessoas não somos nós; quem a faz é essa sucia de tratantes, que nunca vê os desastres da nossa situação para só ver o sr. Magalhães Lima, o sr. Garcia, o sr. Pedroso, o sr. Jacintho Nunes e quejandos. Nós persistimos em afirmar que não temos em mira senão obter para o partido republicano uma organização seria e uma situação definida. Reclamamos como base d'esse intuito um congresso publico e um programma. Os dirigentes não querem tal organização, tal situação; não querem nem o congresso, nem o programma. E então quem faz politica pessoal somos nós, e quem faz politica de principios são elles!

Nós levantamos aqui os principios da verdadeira liberdade religiosa. Fomos nós que sustentamos a boa doutrina democratica e que salvaguardamos n'esse ponto as tradições liberaes. Elles sustentaram os mais odiosos principios reaccionarios e chamaram-nos intolerantes, demagogos. E então quem faz politica pessoal somos nós, e quem faz politica de principios são elles!

Nós fomos dos poucos a reclamar do partido garantias sérias para o proletariado. Chamaram-nos doido e perigoso. Elles eram os sensatos. E como sensa-

tos a politica de principios faziam-na elles e a politica de pessoas faziam-na nós!

E assim tudo o mais. Ora emquanto houver uma opinião republicana tão estúpida como a que existe para ahí com tal nome, é escusado pensar-se em fazer qualquer cousa a bem do paiz. Embora accusem os outros de politica pessoal. Os factos demonstram de sobejo que quem faz politica pessoal é a multidão que apoia os dirigentes, é a grande maioria do partido. E para o provar basta uma circumstancia unica. E' ou não verdade que o partido não pode viver sem programma? E' ou não verdade que esse programma, democraticamente, só pode ser debatido e approvedo n'um congresso publico? E' verdade, dirão todos. Ora se é verdade, quem faz politica pessoal, os que reclamam o congresso e o programma como necessidade inadiavel, ou os que teimam em não renhír o congresso e em não acceitar o programma?

E' uma corja, uma verdadeira corja, essa maioria republicana que existe para ahí. Nem tem illustração, nem tem caracter. Nem tem pensar, nem tem honra. E quem quizer ficar illibado, quem se quizer subtrahir á acção deletéria da sucia tem de protestar energicamente como nós temos feito até hoje. Quem entrou na politica republicana, só se pode salvar protestando. Quem não entrou, que não entre, a não ser com o espirito feito de impulsionar a corrente pelo caminho do bem. Senão degrada-se, avilta-se, e perde o tempo e o dinheiro.

O partido republicano está definido. Quem serve as tolices do sr. Magalhães Lima, acolytado pelos liliputianos é puro e faz politica sã. Quem não está para atuar nem o tolo do sr. Magalhães Lima, nem o insignificante sr. Jacintho Nunes, nem o irritavel sr. Arriaga, nem o ambicioso sr. Pedroso, é perverso e impuro. No fim de contas vão-nos convencendo que se tolos são elles, tolo é também quem perde o tempo a julgar que ainda haverá ideias sãs capazes de penetrar na cabeça da massa alvar e estúpida que os applaude e os sustenta. São todos dignos da sorte que teem. Uns anos de quem o elemento intelligente se ri e uns desgraçados que á força de bestas até a compaixão dos outros perderam.

Ficai para ahí, até que nos dê na cabeça chibatar-vos de novo.

A PADRINHAGEM

O Curso Superior de Letras tem nada menos de quatro professores paes da patria: os srs. Jayme Moniz e Sousa Lobo pares e Pinheiro Chagas e Consiglieri Pedroso deputados. Todos elles são membros da burocracia e ganham a varios carrinhos, não regendo nenhum dos quatro cadeira mais do que o sr. C. Pedroso que chucha a duas tetas gordas

o Estado, accumulando o cargo de professor com o de deputado.

Succede porem que o sr. Pinheiro Chagas não quiz reger a sua cadeira e endossou-a, com applauso dos collegas, a um tal sr. Ferreira (ex-alumno do curso, e delegado do professorado livre de Lisboa ao Conselho superior de instrução publica), para assim ir adquirindo direitos a entrar para professor na primeira vaga. E' um arranjo dos srs. Moniz e Chagas em beneficio d'este mimoso afilhado.

O tal Curso Superior abandalha-se e bem se vê que toma feição monarchica, onde nem leis nem regulamentos servem para nada.

Se o Curso necessitava de um individuo que regesse uma cadeira, porque razão não recorren á Academia para lho dar? Não é d'alli que sahem por lei os membros necessarios para os jurys dos concursos dos professores? Todos o sabem de mais.

Alem d'isso, havendo ahí homens com habilitações para regerem ahí cadeiras, ex-alumnos mais antigos com importantes trabalhos litterarios, como os srs. Teixeira Bastos e Antonio de Freitas, etc., porque é que esqueceram estes e nomearam um que até hoje não deu outras provas de talento, senão as de ser amigo e pupilo dos srs. Jayme Moniz, Chagas e Pedroso?

Como tolerou o ministro esta iniquidade?

Explicaremos o caso.

No *Seculo* de 12 do corrente lê-se o seguinte *suelto* que recomendamos aos nossos leitores:

Uma triste ironia

N'um corredor do palacio de S. Bento, á direita da entrada da ante-sala da camara dos deputados, existem varios quartos destinados ao serviço das differentes commissões da camara.

Sobre uma das portas d'esses quartos está o pomposo titulo:

Commissão d'administração publica

Chegámos junto da porta, cheios de verdadeira commoção, ao lembrarmos-nos que é ali que se reúne a commissão que trata dos nossos mais caros interesses, dos interesses das nossas algibeiras.

Mas qual não foi o nosso pasmo ao vermos que o tal gabinete é apenas uma taberna fina, um mixto de pastelaria, confeitaria e restaurant.

Sobre uma tosca meza de pinho está uma larga bandeja, contendo variada collecção de bolos, de sandwichts, de fiambre e outros generos de comida por igual apeteciveis. Ao lado, como um batalhão de soldados firmes á voz do commando, contam-se talvez cem garrafas de vinho, desde o nosso modesto Bucellas branco, até ao generoso Bordenus, Chateau-Laffite, Champagne, etc.

No genero de bebidas alcoolicas vimos amostras de aguardente de canna branca de Cabo Verde, cognac, e rhum!

Soubemos depois que aquillo tudo serve para os senhores deputados da maioria retemperarem o espirito depois das fatigosas locubrações de espirito, e disseram-nos que o sr. deputado Gomes Netto vai ali refazer as forças perdidas depois dos seus monumentaes, eloquentes e salvadores discursos!

A commissão de administração publica... vai para ali comer!

Naturalmente, apertámos as algibeiras e o estomago atraído por aquellas iguarias.

Venturosa commissão a da administração publica! Não lhe falta nunca que comer!

Aqui teem a que idiotas o partido republicano e o orgão official do sr. Magalhães Lima entrega a defeza dos seus destinos!

A dignidade d'estes chatos não os inspira a arrumarem a cahir n'um facto d'esta ordem, mas tão sómente a chorarem lastimosamente:—*venturosa commissão a da administração!*—já que a ineptia lhes não consente outros commentarios.

E' triste e doloroso que os republicanos prevertam e degradem por esta forma o criterio do partido republicano, que tem direito a elevar-se e não a deprimir-se.

Carta de Lisboa

13 de maio.

Os ultimos dias teem sido ferreis em acontecimentos. Os successos deploraveis da camara dos deputaços vão prendendo a atenção de toda a gente.

O caso Ferreira d'Almeida é demasiadamente conhecido para que me demore a explica-lo aos leitores. O sr. Ferreira d'Almeida censurou a organização geral da armada, ou para melhor dizer a maneira porque a justiça era administrada no ministerio da marinha. O respectivo ministro azeudou-se e respondeu inconvenientemente. O deputado replicou com o mesmo azedume. E finda a sessão o ministro da marinha foi provocar o sr. Ferreira d'Almeida que lhe pagou a provocação com uma valente bofetada. Eis o facto, que vamos apreciar e commentar com a ligeireza que esta chronica comporta.

O sr. Ferreira d'Almeida tem maus precedentes de brigão e de pouco respeitador das conveniencias e direitos alheios. Contam-se scenas escandalosas, que não posso aliaz garantir, da sua administração como funcionario ultramarino. E já uma vez atacou e feriu um superior em condições pouco airozas para si. E', pois, evidente que quem tem feito tudo isso era muito capaz de faltar sem razão ao respeito devido ao ministro da marinha.

Não succedeu, porem, assim. Não sejam tudo glorias e cantos de martyr em honra do sr. Ferreira d'Almeida. Não é boa pessoa, não pecca por santo, mas o que é certo é que no triste negocio de que ultimamente se tor-

ou protagonista tem carradas de razão e uqe quem procedeu mal é digno de toda a censura é o sr. Henrique de Macedo e não elle. Ponhâmos de parte os precedentes. O facto é este. O sr. Ferreira de Almeida procedeu como um homem de bem, como um homem digno e o sr. Henrique de Macedo como um verdadeiro imprudente. Se o sr. Henrique de Macedo fosse atacado no uso da cortezia, que o seu cargo lhe impunha, então sim, que toda a gente se indignaria. Mas desde que o sr. Henrique de Macedo poz de parte a respeitabilidade da sua missão de ministro de marinha para descer a provocar um deputado, nada mais odioso e mais censuravel que a attitude que esse ministro tomou com todos os seus collegas para perseguir o deputado em questão. Foi um procedimento indigno e ninguém será injusto com o ministerio se o classificar de bando de gaiatos.

Eu nunca vi tamanha baixeza. Pois um ministro vai dizer a um deputado que não tem medo d'elle, nem dentro da camara nem fora d'ella, e quando o deputado lhe põe as cousas no campo para onde elle ministro as leva, não só não as acceita n'esse terreno como só então é que se lembra de que não é um simples cidadão mas o ministro da marinha! Onde se viu uma cousa assim? Está claro que o ministro da marinha deixava de ser desde que dizia a alguém que o não poppasse em campo nenhum, porque em campo nenhum o temia. Podia a pessoa assim interpellada desprezar a provocação, mas estava no direito de não a desprezar. Respondendo com uma bofetada, ao ministro da marinha só competia desaffrontar-se como homem. Provocar como homem e desaffrontar-se como ministro é uma covardia tão grande que não conheço termo para a classificar no vocabulario do desprezo.

Postas as cousas assim estavam bem e o sr. Ferreira d'Almeida andava correctamente. Porem este sr. ainda obrou com prudencia, porque as cousas não se passaram tão simplesmente. O sr. Ferreira d'Almeida não respondeu logo com uma bofetada ao desafio do sr. Henrique de Macedo. Ainda lhe observou serenamente que lhe mandasse as suas testemunhas, se se julgava aggravado, e só lhe deu a bofetada quando o ministro soltou uma insolencia a observação tão judiciosa. Logo temos tres vezes repugnante a conducta do sr. Henrique de Macedo. Repugnante quando desceu de ministro a *baillão* para ir dizer a um deputado que não tinha medo d'elle nem *alli* nem em parte nenhuma. Repugnante quando se não soube conservar no campo do desafio singular, logo que o deputado se declarou prompto a dar-lhe n'esse campo as satisfações que desejasse. E repugnante mandando perseguir em nome da sua auctoridade de ministro o homem que fôra de proposito insultar e provocar. Quem faz isso, põe-se fóra de todos os principios do cava-

lheirismo e da honra. O sr. Henrique de Macedo é portanto indigno. E com elle é indigno todo o ministerio que o apoiou no desgraçado conflicto. Não restam duvidas a ninguem n'esse ponto.

Entretanto, ainda no modo de perseguir o sr. Ferreira d'Almeida o ministerio poderia conservar umas apparencias de decôro. Se pedisse licença á camara para mandar processar aquelle cavalheiro, e para o mandar processar como militar, ficava sempre condemnavel o seu procedimento, mas sequer ao menos fingia acatar a auctoridade parlamentar. Mandando-o agarrar pela policia civil como criminoso e lançar no fundo d'um navio de guerra como qualquer collega do sr. Magalhães Lima, offendeu de tal forma as prerogativas populares que só n'um paiz tão degradado como este ficaria impune um attentado de tal ordem. E' essa circumstancia que tem dado logar aos debates parlamentares, onde a violencia da opposição é perfeitamente regular e perfeitamente justa.

N'esses debates tem-se sustentado a boa doutrina do sr. Ferreira d'Almeida não poder sêr julgado como militar. Assim é. O militar que entrou no parlamento conserva lá dentro apenas a qualidade de representante do povo, a parte da sua qualidade militar é até incompativel com ella. Não sendo assim, como poderia o militar deputado apreciar e estigmatizar os actos do seu superior legitimo, o ministro da guerra? Se o militar o pode fazer, é porque dentro da camara não está ao alcance das responsabilidades disciplinares. No parlamento não ha militares. Ha simples cidadãos. Ha meros fiscaes dos interesses populares. E é no desempenho d'essa missão, que vemos todos os dias tenentes, capitães e maiores discutir e censurar vivamente os actos de generaes, de ministros da guerra, de corporações do exercito, envolverem-se, enfim, em todo o machinismo disciplinar, o que, como militares, lhe é expressamente vedado por todos os principios e leis. Logo, se o podem fazer, e ninguem até hoje tem dito o contrario, é porque na camara ha deputados e sê deputados, ou sejam lavradores, ou sejam operarios, ou sejam militares, ou sejam plebeus. Esse é o principio seguido, essa a interpretação que sempre se deu á situação parlamentar e só nos faltava que o bando progressista surgisse á ultima hora com outra interpretação. O sr. Ferreira d'Almeida era deputado para descompor o ministerio da marinha; passou a ser militar d'ahi a instantes, quando esbofetou o mesmo ministerio! Ou era sempre militar e então não podia censurar os actos dos seus superiores, ou era sempre deputado e então não podia ser prezo nem pode ser julgado como militar. E' logico e claro... como agua. O ponto a discutir é esse. E para qualquer lado que o governo se volte esmurra o nariz.

Este facto tem produzido viva sensação, como é natural. E' geral a indignação contra o governo, que está muito abalado, se não ferido de morte. Não succumbirá d'esta vez, mas fica com uma saude muito melindrosa. Já se falou em demissão do ministerio. O sr. visconde de S. Januario pediu a sua exoneração, mas não li'a deram, ou instaram vivamente com o illustre militar para que a retirasse porque a sua sabida n'esta occasião acarretaria a queda de todo o gabinete. Também se falla em dissolução de côrtes, motivada no *systema obstrucionista* da opposição. Venha de lá isso, para ficar a procissão completa! Enfim, veremos o que sahe d'aquí.

Vamos agora ao outro caso, o do deputado Castel Branco com o tenente coronel de lanceiros Bivar de Souza. Contam-se as cousas assim. O tenente coronel subia vagarosamente as escadas que conduzem ás galerias. De repente sentiu-se empurrado por

alguem que passava. Voltou-se para esse individuo dizendo-lhe: «olha que todos lá havemos de chegar, escusa de atropellar os outros». O individuo em questão, que era o referido Castello Branco, respondeu: «sou deputado, não posso esperar.» Ao que o tenente coronel replicou: «pois se é deputado, também é malcreado.» O sr. Castello Branco deu-lhe então uma bofetada.

Este caso, como se vê, não tem comparação com o caso Ferreira d'Almeida, senão em o offensor e offendido serem tambem militares. E' o unico ponto de paridade entre os dois acontecimentos. De resto, ao passo que a attitude do sr. Ferreira d'Almeida foi perfeitamente correcta e digna, a do deputado Castello Branco é censuravel sob todos os pontos de vista.

Em primeiro lugar foi malcreado como lhe disse o sr. Bivar de Souza. Nenhum deputado porque é deputado está isento das leis de deferencia e portanto não é auctorizado a empurrar nem repellir ninguem. Depois, a phrase do sr. Bivar de Souza não era de tal forma insultuosa, que requeresse logo uma bofetada. Por ultimo, se o sr. Bivar de Souza não conhecia a qualidade militar do sr. Castello Branco para lhe dever n'esse ponto a attenção que se usa entre officiaes, o sr. Castello Branco é que via alli fardado um tenente coronel e em caso nenhum poderia erguer a mão para elle. Foi um attentado miserando, que requeria e requer o mais severo castigo. Então que paiz é este? Em que terra vivemos que já não ha o minimo respeito pelo principio da auctoridade? Com franqueza:—isto desceu á mais abjecta degradação que se pode imaginar. Não é força de rhetorica. Os factos ahí estão falando bem alto.

A conduta do deputado Castello Branco, cirurgião mór do exercito, produziu a mais viva indignação em toda a gente e com especialidade no exercito. Nada a justifica, nem sequer a attenua. Mesmo que esse homem não estivesse sujeito á disciplina militar, não lhe ficava mal responder n'outros termos á phrase do tenente coronel, d'na sim, mas não insultuosa. Tendo graduação d'official como tem, devendo mais respeito á sua classe do que a si proprio, tendo obrigação de manter a disciplina já tão abalada entre nós, não ha palavras para estigmatizar o acto feio que praticou.

O tenente coronel mandou-o desafiar. Andou bem, mas não satisfiz a opinião. Para aquillo não havia duello. Era puchar da sua espada e atravessar de lado a lado o auctor do attentado. Em casos assim, são indispensaveis meios extremos. E tivesse a certeza o sr. Bivar de Souza de que não haveria nenhum tribunal militar que o condemnasse por um desenlace de tal ordem. Se o sr. tenente coronel não podia fazer isso no mesmo instante, porque lh'o impediram, é de lamentar que fosse depois tão benigno com o aggressor como foi.

Entretanto a satisfação pessoal ao sr. Bivar de Souza está dada. Falta a satisfação á lei e á disciplina militar. E' indispensavel que a justiça militar proceda contra o delinquente, e dizemos que vae proceder. Se não proceder é mais um golpe profundo e terrivel na nossa já tão cahida e baixa disciplina. Dêem d'esses espectaculos aos soldados e queixem-se depois.

—Foi concedida licença, pela inspecção geral de infantaria, para os sargentos das guardas municipaes frequentarem as escolas regimentaes do exercito.

—Hontem depois das 10 da noite foi completamente destruido por um incendio o 2.º andar do predio n.º 2 do bôco do Alegrete, a S. Miguel, pertencente á sr.ª D. Gertrudes de Jesus Pereira. Os moradores do predio nada ti-

nham no seguro. A locataria d'aquelle andar, chama-se Maria da Piedade e estava no theatro. A perda foi total. Os demais inquilinos soffreram prejuizos pela agua.

—Ante-hontem á noite na rua da Penha de França, tentou suicidar-se, cravando uma faca no peito, Bernardo da Triadade, criado de servir. Foi enviado para o hospital em estado perigoso. A maca foi levada por dois soldados da guarda municipal, que se portaram com muita dedicacão.

—Lê-se no *Diario de Noticias*: Reunira hontem á noite a maioria, por convite do governo, no ministerio do reino. Estiveram presentes os srs. ministro do reino, fazenda, obras publicas, justiça e estrangeiros. Fallaram diversos ministros e deputados, e entre elles o sr. Alves Mathews, que foi muito applaudido. Todos fallaram, ao que nos consta, na necessidade de conservar unida a maioria. A sessão acabou depois da meia noite.

Y.

Carta da Bairrada

Maio, 12

Estivemos por um momento illudidos quando escrevemos que algumas influencias locais engatariam a ideia de permanecer submissas á vontade omnipotente do ex-deputado pelo circulo d'Anadia, e começaria a accentuar-se na Bairrada uma corrente de louvavel emancipação, escolhendo-se um candidato da localidade para substituir o sr. José Luciano, que tratou de se empoleirar na camara dos pares para que não lhe chamassem eternamente o deputado vitalicio por Anadia.

Novamente chamada a contas a irmandade dos priores e seus adjuntos, vamos ter eleição no dia 29, e nós que tivemos a veleidade de acreditar n'uns boatos que correram de que alguns electores influentes romperiam o fogo a favor d'um candidato da localidade, chegando mesmo a ouvir que se apontava o nome de um moço intelligente, advogado e proprietario importante, o sr. dr. José Rebello; nós, que cuidavamos que este burgó, enfeudado até aqui ás influencias progressistas, para eleger incondicionalmente desde 1869 um deputado que nunca se interessara pelas coisas da agricultura local, que não deixou o seu nome ligado a providencia alguma de alcance para a industria vinicola da Bairrada; que se limitou apenas a despachar padres para egrejas rendosas no intuito de grangear adeptos, e a reforçar as hostes do funcionalismo com os amigos e compadres que lhe prestavam serviços eleitoraes; nós, que entendiamos que o antigo deputado por Anadia romperia politicamente as relações com os seus electores trocando o diploma de representante do povo pelos arminhos de par de nomeação regia, vimos hoje penitenciar-nos da nossa ingenuidade, porque, afinal, o candidato apresentado e que ha de ser votado naturalmente de chapa é um intruso, familiar ou coisa que o valha do sr. presidente do conselho, que continua a dar as suas ordens e a ser obedecido, como é de praxe, pelas altas influencias d'este curioso circulo d'Anadia.

As listas e o deputado virão pelo correio, e no dia 29, em um bello dia de maio, pelo Espirito Santo, a Bairrada elegerá um funcionario publico, um individuo que não conhece, para a representar em côrtes, graças á *independencia* dos electores d'este circulo emprazado á politica do sr. presidente do conselho.

Agora resta que os srs. influentes solemnisem o facto com foguetes e luminarias; e hão de solemnisar, porque não perdem o seu tempo, visto que a cornucopia das graças e dos empregos tem ainda muito tempo para se

estender n'estes tempos famosos da reinação progressista.

E, deixando a politica, que nos causa nauseas, duas palavras sobre a agricultura local.

Temos em perspectiva uma colheita mediana de vinho. As vinhas estão com uma florescencia regular e já lhes foi dada a primeira enxofração nas melhores condições que era possível, por tempo ameno e sob uma temperatura elevada. Nas terras de semeadura, lavradas depois das chuvas da semana passada, que amaciaram muito o solo, deitou-se a semente do milho serodio e fizeram-se outras sementeiras secundarias proprias da estação.

Os trigueos estão em boa apparencia e nas batatas não se observa ainda a doença que costuma aniquilal-as. As arvores fructíferas estão com uma amostra soffrivel, sobre tudo as pereiras.

Em vinhos a mesma apathia: os lavradores desejosos de vender e o commercio retrahido ou sem probabilidade de abrir negociações em ponto grande. Os preços com tendencia para baixa.

NOTICIARIO

«Povo de Aveiro» vende-se em Lisboa, na rua do Arsenal, n.º 96.

*

O nosso representante no Pará é o sr. José Maria Letra, morador na Travessa Sete de Setembro, com quem os nossos assignantes d'aquella cidade podem tratar todos os negocios concernentes á administração d'este jornal.

*

AOS SRS. ASSIGNANTES

Continuamos a pedir aos srs. assignantes das localidades abaixo mencionadas o obsequio de mandarem pagar os semestres já vencidos.

Angeja, Arada, Elco, Esqueira, Palhaça, Pardelhas, Sepins, Silveiro, Verdemilho e Cercosa.

Acha-se n'esta cidade, em visita a seu venerando pae, o sr. dr. Julio Pereira de Carvalho e Costa, juiz da relação dos Açores, e um dos nossos mais illustres conterraneos.

S. ex.ª gosa em S. Miguel a mais profunda estima e consideração. Ao sahir de Ponta Delgada, foi numeroso o concurso de pessoas que acompanhou a bordo o nosso estimado patricio.

Esteve alguns dias da semana finda, n'esta cidade, em visita a sua familia, o nosso prezado amigo Eduardo Augusto da Fonseca, escripturario da repartição de fazenda de Castello de Paiva.

Uma das examinandas que concorreram aos ultimos exames de instrucção primaria no lyceu d'esta cidade foi uma intelligente menina, filha do nosso amigo e antigo companheiro José da Maia Junior, director tecnico do *Campêão das Provincias*.

O jury classificou-a honrosamente, pelo que nos congratulamos com o pae da modesta quão estudiosa menina.

Possam as poucas linhas que ahí ficam servir-lhe de estimulo para continuar na vereda que encetou tão proficua e brilhante.

**

Parece que vae por diante o projecto de expropriação da casa do fallecido sr. Antonio José Lopes, na rua da Costeira, cujo alargamento se tornava d'uma necessidade urgentissima.

Os trabalhos das salinas interrompidos com as ultimas chuvas

recomeçaram activamente, visto que o tempo lhes offerece agora um ensejo optimo.

Um jornal do Porto noticia que nas obras do novo quartel de Aveiro, se tem gasto tres contos de reis!

Seria epigramma?

Tem-se gasto cerca de quarenta contos, segundo o calculo do sr. Araujo e Silva. Nós accreditamos visto que ninguem o deve saber melhor que s. ex.ª; apesar de se dizer que a administração do dito quartel tem recebido cifra muito superior.

Mas aquella dos trez contos, foi ironia com certeza.

Como não desse resultado o imposto de licença no mercado, a camara municipal projecta estabelecer um tributo eventual sobre cada vendedor que de fóra do concelho venha á cidade expôr á venda os seus generos.

O governo indeferiu um requerimento em que se lhe pedia concessão para estabelecer uma linha americana destinada a ligar o caes de Ovar com a costa do Furadouro.

O vice-consul neerlandez n'esta cidade, o sr. José Pereira Junior, por communicação do ministerio dos estrangeiros dos Paizes Baixos, annuncia:—Que desde 15 de março ultimo está em completa exploração o porto de Tandjong Priok na Batavia; que as cargas e descargas podem effectuar-se no caes do dito porto; que, enquanto se espera que o serviço dos direitos de entrada e sahida e os de bebidas, a transportar em navios que não são armados ao modo do paiz, seja definitivamente transferido para Tandjong Priok, o pagamento d'esses direitos poderá fazer-se tanto n'este porto, como na actual estação da Alfandega de Batavia.

Maio, o mez das flores, que fez a sua entrada por uma fôrma tão brusca, cá está com os seus dias de sol esplendidos e famosos.

Ainda bem, para os poetas que tinham a lyra desafinada, e para a agricultura. Agora é que podemos dizer, que estamos em plena epocha dos *sachos*.

Uma das victimas do naufragio do «Bahia», que se submergiu perto de Pernambuco, facto que noticiamos ha alguns numeros, foi o nosso compatriota Damião de Figueiredo, irmão dos srs. Francisco José de Figueiredo, da villa de Louza, e Cesar José de Figueiredo, negociante do Pará.

Cinésologia é um interessante livro que sobre a sciencia do movimento, o sr. Paulo Lauret, director e proprietario do gymnasium Lauret, do Porto, acaba de dar á luz, e com que acaba de nos obsequiar.

Agradecendo ao sr. Lauret a sua amabilidade, reservamo-nos para dizer mais tarde o que se nos offerecer sobre aquelle seu trabalho, que não duvidamos encarecer já, pelo assumpto, que se prende intimamente com a moderna educação da sociedade.

Falleceu em Pernambuco o negociante portuguez Antonio Alves Lopes Sobrinho, natural de Albergaria.

Dizem da Povoia de Lanhoso, que muitos caseiros de quintas d'aquelle concelho deixam as propriedades que trazem de arrendamento, por falta de meios para a cultura d'ellas, em consequencia da consideravel baixa no preço do gado; pois bem longe de auferirem lucros para o custeio das suas despezas, têm soffrido continuos prejuizos.

Corre que o partido progressista resolveu castigar o sr. Serpa Pinto. A este deputado de accumulção, que classificou a maioria de *carneiros de Panurgio*, é que os governamentais attribuem o incidente Ferreira d'Almeida, e a attitude independente da *Provincia* attribuem-na a despeitos do sr. Oliveira Martins, por não ter sido nomeado para a pasta da marinha.

O negocio é lá com elles, e o publico nada tem a lucrar com isso.

Os leitores talvez já saibam que foi annullado o casamento do fallecido Anselmo Braamcamp, que á hora da morte consentiu em legitimar a sua união com uma mulher de quem tinha uma filha.

E' este um dos escandalos mais repugnantes, mais asquerosos, mais infames da chronica da degradação humana. E' uma filha que repudia a mãe para lhe haver a fortuna; que lhe grava no rosto o estygio de barrega, e um bispo, um alto dignitario de egreja lusitana, a cooperar na ignominia, com uma desfaçatez que assombra, com um cynismo ultra.

Oh! incommensuravel desmoralisação! Só dynamite sobre isso que por ali se arrasta no mais fedorento lodo... Só um explosivo que arroje para fóra d'este planeta essa vasa que empesta tudo!

Por occasião do jubileu sacerdotal do Papa, os catholicos inglezes tencionam offerecer a Leão XIII, uma bibliotheca composta de todas as obras escriptas, durante os ultimos cincoenta annos, pelos inglezes que professam a religião catholica.

Leão XIII declarou já que accitava com o maior prazer esse singular presente.

Podéra!
O bispo de Beja tambem offertará ao pobresinho do Vaticano um obulo de 700\$000 reis que pôde colher pelas suas ovelhas.

Registou-se civilmente na administração do concelho de Villa Franca de Xira uma creança do sexo masculino, filho de Eduardo da Costa e de Olympia da Conceição, de Alhandra, recebendo o nome de Angelico.

Foram testemunhas os srs. Angelico Marques e Antonio Manuel Gonçalves Soares.

Aos homens emprehendedores portuguezes endereçamos as linhas, que abaixo se lêem, escriptas para a *Provincia* pelo seu correspondente em Paris. São ellas de sobra para provocar estímulos, e oxalá que não seja baldado o appello do sr. Xavier de Carvalho:

«Muito seria para desejar que Portugal seguisse o exemplo da sua velha colonia (Brazil), embora já fosse um pouco tarde.

D'esta forma não veríamos a secção portugueza envolvida com as secções hespanhola e italiana. Segundo creio, nem mesmo um kiosque portuguez, para a venda dos nossos productos, se abrirá em Vincennes. Poder-se-hia ainda remediar esta falta?

C'os diabos! um paiz que possue a melhor laranja que se conhece na Europa, qualidades de vinho da primeira grandeza, frutas magnificas, ginja que ninguém aqui deixaria de pagar com uns bons punhados de francos, ostras com uma reputação universal, esplendidas sardinhas, mil vezes superiores ás de Nantes, as saborosas bananas das ilhas, que custam aqui um dinheirão no mercado, doces tão apeteceveis e d'um sabor tão especial, a começar nos bellos manjares brancos e a terminar nos barrisinhos d'ovos moles d'Aveiro, o figo do Algarve, cem vezes superior ao que se vende em Paris etc. etc.—porquê é que um paiz tão rico em produ-

ctos que lançados no mercado de Paris teria uma rapida extracção—se não aventura a expor n'um ou dois kiosques de Vincennes, os objectos que acima acabamos de citar?

A preguiça, a velha mandriça nacional, o ram-ram sorna d'um velho burgo de frades, tudo isso vae afundando a bella terra portugueza no silencio tumular. Quem nos salvará, bendito Deus, quem nos levantará d'este atoleiro?»

Os editores da *Historia da revolução portugueza de 1820*, proseguida com a maior pontualidade, esperam dia a dia d'Allemanha o primeiro brinde, e onde se está reproduzindo ha proxima-mente um mez o quadro original do laureado academico o sr. Joaquim Victorino Ribeiro, que constitue aquelle brinde.

Agradavel noticia para os assignantes d'aquella obra, de que o importante estabelecimento editor do Porto se tem desempenhado honrada e briosamente.

Communicam-nos os editores que no mesmo dia em que os recebiam começaram a distribuil-os com a maxima rapidez.

Corre em Lisboa que o imperador do Brasil virá ao Gerez fazer uso das aguas mineraes d'aquellas thermas.

Foi determinado que os louvados para os arbitramentos por meio d'exame, vistoria, ou avaliação, em qualquer serviço judicial ou fiscal, sejam escolhidos d'entre individuos nomeados pelo governo, precedendo concurso, o qual se ha de effectuar na sede das comarcas perante os juizes de direito. O numero de louvados, necessarios em cada comarca, ha de ser proposto pelos presidentes das relações. O concurso para o provimento d'estes logares será aberto pelo prazo de 30 dias.

Os concorrentes devem instruir os seus requerimentos com as certidões de maioridades; de se acharem no gozo dos direitos civis e politicos; de terem satisfeito aos preceitos do recrutamento, de bom comportamento; de não padecerem molestia que os impossibilite de ser louvados; do pagamento dos direitos de mercê se tiverem servido emprego que os devesse; de estarem quites com a fazenda; e com o certificado do registo criminal. Podem juntar documentos de habilitações que possuam e designadamente d'haverem servido de louvados.

Findo o prazo do concurso, os presidentes das relações enviam os papeis dos concorrentes aos juizes de direito das comarcas onde pretendam servir, para alli se sujeitarem a exame. Este é oral, e consiste em um interrogatorio acerca das attribuições legais dos louvados, modo de as desempenhar, regras e forma da determinação do valor dos bens. Os examinados são *aprovados* ou *esperados*. O jury tem de informar acerca da probidade e idoneidade de cada examinado.

Só podem ser nomeados louvados os concorrentes aprovados e com boas informações, devendo ser preferidos os que já o tenham sido. Os louvados são para todos os effeitos considerados empregados de justiça (e por isso ficam sujeitos ao pagamento de direitos de mercê e contribuição Industrial.)»

Peranté a camara municipal de Mogadouro, estão abertos concursos para o provimento da escola complementar do sexo feminino, na sede do concelho, elementares do sexo masculino nas freguezias de S. Martinho do Peso e de Ventuzela, e elemental mixta na freguezia de Thó; ordenado da primeira, 180\$000 réis e de cada uma das outras 100\$000 réis.

A camara municipal de Mimenta da Beira, tambem abriu concurso para o provimento da

escola elemental mixta na freguezia da Paradinha; ordenado 120\$ réis.

Estão mais a concurso as seguintes cadeiras primarias:

Alcochete—Elementares dos dois sexos na freguezia de S Braz de Samouco; ordenado de cada uma 100\$000 réis.

Thomar—Elementares do sexo masculino nas freguezias de Cem Soldos, Madalena, Valle do Calvo e Vermoeiros, e do feminino na de Carrazada; ordenado de cada uma 100\$000 rs.

Penella—Elementar do sexo feminino na freguezia de Espinhel; ordenado 100\$000 rs.

Na occasião em que o cura da freguezia de São, Oliveira do Bairro, tinha ido ministrar o sacramento a um enfermo, um meliante assaltou-lhe a casa roubando-lhe onze libras.

Diz o *Petit Comtois* que em Dôle (Jura) habitava um padre, o abbaide Bellard, homem honrado, segundo a gente do paiz, e que acaba de fallecer com 89 annos de idade.

Abrindo-se o seu testamento, qual não foi o espanto dos assistentes, quando ouviram ler que a expressa vontade do abbaide Bellard era ser enterrado sem os soccorros de ministros de qualquer culto, isto é, enterrado civilmente.

Os funeraes foram soberbos. Muitos milhares seguiram o corpo assim como todas as sociedades republicanas e livre-pensadoras da região.

O elemento catfólico ficou confundido com aquelle golpe vibrado por um dos seus proprios membros.

Em uma folha do Rio de Janeiro lê-se a seguinte noticia de um admiravel caso de longevidade:

Mora nos Dois Rios, no municipio de S. Fidelis, um individuo chamado Balthazar da Silva Campello, que conta 125 annos de idade, segundo elle mesmo diz. Gosa de todas as facultades mentaes, tem boa vista, racha toros de sucupira e vinhatico, vae do logar em que mora a Bom Jesus do Itabapoana, a pé, visitar uma filha, e confessa que nunca esteve doente, nem sentiu sequer uma dôr de cabeça.

Consta que, quando D. João VI veio ao Brasil, elle já era soldado affeito á tarimba; tem um caracter folgazão e chama meninos aos velhos de 80 annos.

Actualmente faz canôas.

São importantes os serviços que os laboratorios municipaes de Paris, Gênes e Turin estão prestando á sociedade.

Em Gênes fizeram-se durante o mez de fevereiro ultimo 70 analyses de vinhos, cujo resultado foi a apprehensão de 23.991 hectolitros, correspondentes a 66 analyses!

No laboratorio de Turin, no decurso do mez de março, apprehenderam 24.000 hectolitros de vinhos falsificados ou alterados.

Os tribunaes da Suissa condemnaram ultimamente diversos negociantes estrangeiros, por venderem vinhos falsificados.

Por cá, a assiduidade dos que devem velar pela saude publica, só se faz sentir, com grandes intermittencias, quando o papão do cholera lhes mette medo.

O professor Pajot communicou ao *Jornal de Medicina* uma interessante proposta acerca do tratamento da raiva pelo methodo Pasteur.

«Importa pouco, diz o professor Pajot, que o sr. Pasteur cure ou não a raiva. A questão é ter a certeza de que o methodo não pode dar a raiva áquelles que a não tem e que a não terão. Para isso submetta-se ao *methodo intensivo*, em vez de coelhos e porcos chinos alguns condemnados

á morte que esperam a sua execução nas prisões de França ou da Argelia.

Que se explique a cada um d'esses miseraveis a experiencia de que se trata; que se prometta a vida a todos os que sobreviverem e, com o seu consentimento, inocule-se pelo methodo intensivo uma duzia d'esses homens, perante uma commissão composta de dois fanaticos e de dois adversarios encarnicados do methodo, que escolherão (os quatro) o seu presidente.

Far-se-ha um relatorio das inoculações, do seu numero, da qualidade dos liquidos injectados e, n'um anno, a questão será irrevogavelmente resolvida.»

Um jornal de Perigueux (França) narra um originalissimo enterro que mais parece um *canard* americano, a despeito da proverbial excentricidade da raça ingleza.

«Acaba de realizar-se aqui, diz o jornal, um enterro muito estravagante.

Morreu um livre pensador, José Valgrade, determinando no testamento que o seu enterro fosse alegre e designando um amigo para fazer a policia do prestito, com a missão especial de não consentir que nenhum dos assistentes estivesse triste, e de expulsar aquelle que chorasse.

A' saída do corpo, da casa mortuaria, uma sociedade coral cantou o côro dos soldados do *Fausto*, e todas as pessoas beberam á saude do defunto.

No trajecto para o cemiterio cantaram-se as canções mais alegres e os *refrains* mais frescos.

E quando o corpo desceu á sepultura, despejou-se-lhe em cima uma garrafa de Champagne, cantou-se a Marselheza, e os convidados levantaram um entusiastico brinde, esgotando uma enorme quantidade de garrafas de Champagne que tinham ido em uma padiola atraz do feretro.

O doutor austriaco Talb prognosticou ha alguns mezes os terremotos ultimamente occorridos. Segundo a sua theoria precede sempre esses phenomenos um eclipse de sol no emispherio opposto.

O mesmo doutor annunciava grandes desordens atmosfericas acompanhadas de fortes vendavaes, chuvas e talvez terremotos nos dias 5, 6 e 7 de maio; 2, 4, 5, 21 e 28 de junho; 20, 21 e 25 de julho; 3, 19 e 20 de agosto; 17 e 18 de setembro; 7 de outubro; 6, 14 e 15 de novembro e 12, 13 e 14 de dezembro.

Uma das grandes fortunas do mundo está nas mãos da duqueza de Galliera, que possui quinhentos milhoes de francos!

Ha tempo o seu secretario particular roubou-lhe um milhão e ella não quiz nem sequer dar parte á policia.

Assim o affirma um collega.

Aos geometras:

No seu *Anuario popular da Belgica*, o Sr. J. C. Houzeau propõe á sagacidade dos seus leitores um «enigma geometrico» cuja decifração promette dar no *Anuario* de 1888. Esse enigma tem dado que fazer aos geometras belgas e, como não consta que o tenham decifrado, aqui o transcrevemos para os nossos mathematicos:

Em um quadrado de papel-cartão traçam-se a lapis 64 quadrados de um centimetro de lado, em uma e outra face do cartão, de maneira que os quadrados do verso se sobreponham exactamente nos quadrados do reverso. Por esse modo a superficie do cartão é de 64 centimetros quadrados.

Feita a divisão acima tracem-se a tinta na figura das tres linhas rectas, a saber: a primeira, partindo do angulo recto superior e terminando no angulo esquerdo inferior do terceiro quadrado da

esquerda, descendo; outra, sobre a terceira linha descendente das traçadas a lapis; a terceira, partindo do angulo recto superior do terceiro quadrado, contando-se da esquerda para a direita sob a segunda linha feita a tinta, e baixando até ao angulo recto inferior da figura.

Corta-se em seguida o cartão na direcção das *linhas feitas a tinta*, e d'esse modo se obtem quatro pedaços. Juntam-se esses pedaços, de modo a formar um rectangulo, tendo 13 quadrados de comprimento e cinco de largura, o que é facilimo.

Contem-se então os quadrados pequenos e achar-se-hão, não os 64 da primeira figura, mas 65.

Como se formou o 65.º quadrado?

Eis o enigma que os geometras tem de resolver.

Recebemos já o 1.º volume da Doutrina Democratica: — *O Mandato Imperativo*, por Theophilo Braga, preço 60 reis.

No prelo, *Discursos Laicos*, pronunciados nos enterros civis de alguns correligionarios por J. Carrilho Videira e Teixeira Bastos.

Vendem-se e recebem-se assignaturas n'esta redacção e Livraria Internacional de Lisboa.

CONTRA A DEBILIDADE

Recomendamos o Vinho Nutritivo de Carne e a Farinha Peitoral Ferruginosa da Pharmacia Franco, por se acharem legalmente auctorizados.

AGRADECIMENTOS

Carlos de Faria e Mello e sua familia agradecem vivamente os obsequios valiosos e delicados com que lhes foi enormemente suavisada a situação angustiosa pelo incendio do hotel Cysne do Vouga. Ao sr. Commissario da Policia de Aveiro enviam o seu reconhecimento pelos cuidadosos serviços prestados com os seus guardas na procura de valores nas derrocadas.

Amadeu de Faria Magalhães e sua mulher agradecem os serviços dedicados que lhes foram prestados por occasião do incendio do hotel Cysne do Vouga e sentem não se lembrarem de todas as pessoas que ajudaram a salvar a sua mobilia, para directamente lhes manifestarem o seu reconhecimento.

Ao ex.º sr. Manuel Ferreira Correa de Souza e sua ex.ª familia devem especial gratidão pelo carinho com que os receberam em casa.

João Antonio da Graça, achando-se quasi restabelecido da fractura da perna que lhe aconteceu nas obras do novo quartel de cavallaria n.º 10, e summamente grato aos seus ex.ºs chefes e bem assim a todas as pessoas que o visitaram durante a sua doença ou se interessaram pelas suas melhoras, e muito especialmente ao sr. dr. Manuel Pereira da Cruz, pelo desvelado carinho e muito saber com que o tratou, bem como ao sr. Manuel Gonçalves Netto, pela generosidade e boa vontade com que tambem lhe prestou os seus serviços, vem por este meio, emquanto o não faz pessoalmente, agradecer penhoradissimo tantos e tão repetidos obsequios, que elle jámais olvidará.

BIBLIOGRAPHIA

A Martyr, por Adolpho d'Enery, e versão de Pinheiro Chagas.—Recebemos o 1.º fasciculo. E' editor o sr. Eduardo da Costa Santos, do Porto, e um dos arrojados propagadores de bons livros em Portugal.
Vide annuncio.

